

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Não tenho a menor intenção de renunciar. Não dou esse presente a eles”

(Presidenta afastada Dilma Rousseff, em resposta à pergunta sobre a desistência)

Com a turma abaixo, Temer terá muitas dificuldades em conciliar os interesses do PMDB com aqueles do PSDB. Por exemplo, com os objetivos de Serra e Aécio, o qual conta com a aliança de Tasso Jereissati (no centro da foto)



Temer perde o contraponto

► A presença da presidenta afastada favoreceu o interino, ao sair de cena, ela cria para o sucessor vindo do golpe uma espécie de orfandade. E há muitos outros problemas...

Está claro que o desfecho do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff deverá ocorrer aos 45 minutos do segundo tempo. Ou seja, o jogo será definido no plenário do Supremo Tribunal Federal. Através dessa perigosa travessura, amparada em tantos interesses, é possível ensaiar, com os dados de hoje, as dificuldades do amanhã de um governo permanente do ex-vice-presidente Michel Temer.

Já se sabe das turbulências provocadas nestes quase quatro meses de interinidade.

Um rápido olhar ao redor facilita prever o futuro sombrio da nova administração. O vice, transformado em presidente pela mágica de um golpe batizado de *impeachment*, para justificar o estupro da democracia, encontra-

rá muita dificuldade para completar o restante da ainda incerta travessia, por variadas razões.

Temer tentou, na interinidade, esconder fragilidades, indecisões e temores atrás da imagem da presidenta, repudiada por setores reacionários

da sociedade, unidos de alto a baixo. O interino, enfim definitivo não poderá, porém, beneficiar-se dessa ausência, nem tampouco das situações de uma crise econômica provocada por fatores que vão muito além dos erros do período Dilma.

Com ele, a história passará a ser outra. A retirada de Dilma Rousseff da cena política desarmará explicações para deficiências exclusivas do novo governo.

Não há como se proteger do sol debaixo de uma peneira furada. Sem Dilma, e também ele com baixa popularidade, Temer perderá o contraponto que até o momento o favorece.

Desde que assumiu a interinidade, as pesquisas, de forma uníssona, expuseram a impopularidade de Temer. De fato, mais de 50% dos entrevistados, desaprovam a linha do seu governo. As sondagens detectam mais: 65% da população não confia nele.

Há sinais curiosos sobre uma possível guinada no direcionamento editorial da mídia, quanto à ascensão definitiva de Temer.

Isso traduz o cuidado com que, antes de o golpe ser consolidado, a mídia registrou problemas agudos e graves enfrentados ou provocados pelo interino, cercado, por sinal, por auxiliares envolvidos nas apurações da Lava Jato.

E haverá mais apuros para Temer no seu relacionamento com a base política. Além de outras questões, é nítida a grande desavença entre os interesses do PMDB e as conveniências do PSDB. Mais precisamente entre os objetivos de Aécio Neves e os de José Serra para 2018.

Aécio tem no senador Tasso Jereissati um aliado poderoso dentro do partido. Ambos são adversários de Serra, cuja ambição é disputar, mais uma vez, a Presidência da República. Temer, de qualquer forma, foi uma escolha de emergência, e não uma aposta definitiva. •

Exceção na
Suprema Corte

Instância final

A reta definitiva da decisão do *impeachment*, contra ou a favor, da presidenta Dilma vai se dar no plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) e não no Senado.

Recentemente, cercado por repórteres, o ministro Marco Aurélio Mello sinalizou: “Embora haja fato político suficiente ao entendimento, pode haver questionamento para demonstrar que não há fato jurídico”.

“Se não houver um fato jurídico que respalde o processo de impedimento, esse processo não se enquadra num figurino legal.”

Sem isso tudo, transparecerá como golpe. Marco Aurélio levantou uma dúvida.

“Por que insistem em inviabilizar a governança pátria? Nós não sabemos.”

Voto no Sudeste

As eleições municipais para a prefeitura não vão perder o rumo tradicional em 2016.

Nas pesquisas no Sudeste, os três maiores colégios eleitorais do País apontam nessa direção.

Em São Paulo, projetado

pela televisão lidera Celso Russomanno; em Minas Gerais, vale-se do passado o goleiro João Leite e, no Rio de Janeiro, o pastor Marcelo Crivella.

Em anos anteriores, os três deram a largada, mas perderam o fôlego ao longo da competição.

Dessa vez, porém, a campanha mais curta tende a favorecer o candidato mais conhecido.

As três competições, muito provavelmente, serão decididas no segundo turno.

Medalha de lata

Entre acertos e erros, a Olimpíadas deixaram um preocupante rastro autoritário provocado pela proibição de manifestações, como as vaia e a exibição de faixas, direcionadas ao presidente interino Michel Temer.

Embora a Justiça tenha derrubado a censura, o ministro da Defesa, Raul Jungmann, autorizado por Temer, tentou recorrer da decisão.

Tentou. Quando desistiu era tarde demais.

Já, então, tinha se tornado referência do modelo de um

governo impopular, temente às manifestações sociais.

Jungmann é reincidente.

No governo FHC, como ministro de Política Fundiária, tentou sufocar o MST. Mais precisamente, calar João Pedro Stedile.

Esforçou-se muito, mas, falhou.

Medalha de ouro

Jungmann talvez só associe o nome de Machado de Assis, ao nome de uma rua qualquer do País, por onde tenha passado.

Machado escreveu assim em crônica de 1882.

“A liberdade não é surda-muda, nem parálitica. Ela vive, ela fala, ela bate as mãos, ela ri, ela assobia, ela clama, ela vive da vida.

Se eu na galeria não posso dar um berro, onde é que hei de dar?”

Liberdade, invocou Machado de Assis, antes confusa do que nenhuma.

Seria bom
se Jungmann
lesse Machado

Vexame americano

Repercutiu nas redes sociais dos EUA o vexame provocado pelas trapalhadas de Lyan Lochet, fora das piscinas, durante as Olimpíadas do Rio. Eis um deles, inspirado na pronúncia do sobrenome do nadador. Lyan mente “a little or a Lochet?”

mauriciodias@cartacapital.com.br